

## 62

**A PANDEMIA DA ALMA:  
REFLEXÕES SOBRE A IDENTIDADE**Lucas Freitas de Souza<sup>90</sup>

A noite chega mais uma vez sem que eu veja a luz dia. Hoje completo dois meses fechado no impenetrável recôncavo de minha residência. Saídas? Apenas em momentos raros: uma vez ao mês para buscar mantimentos e em alguns momentos na semana para retirar o lixo. No mais, resigno-me aos 45m<sup>2</sup> de minha residência. Por sorte, diferente de muitos em situação semelhante, não estou só. Tenho comigo minha amada companheira e minha cunhada. Entre momentos de loucura e lucidez, seguimos. Em alguns momentos rimos juntos na cozinha, em outros nos escondemos uns dos outros no silêncio de nosso próprio interior. O fone de ouvido, antes um simples objeto, transformou-se agora em um muro intransponível, uma cerca, marcando o limite de um território sagrado. Território inóspito que agora nos vemos obrigados a enfrentar.

Quando, em meados de 2018, resolvi cursar o doutoramento fora do país, não imaginava uma situação — nos diversos cenários possíveis — semelhante a esta. Mas no fundo, talvez dentro do eterno sonhador que habita em mim, ainda imaginava se um dia veria a profecia de Raul tornar-se realidade: ver o dia em que mundo parou. Infelizmente, não apenas um dia, e nem por motivo mais nobre. Os dias se prolongaram. Primeiro por 15 dias, depois mais 15, e assim sucessivamente. Vivendo sempre à espera do amanhã. “O amanhã será diferente”, digo a mim mesmo, porém, parece-me mais uma nova analogia da vida real em que nunca teremos a geleia hoje, apenas ontem ou amanhã<sup>91</sup>.

Por entre as ruas desertas, o medo percorre a cidade. Por imposição da lei, não podemos sair os três ao mesmo tempo. Pessoas são presas. O comércio está vazio, apenas o básico funciona. Longe de qualquer realidade imaginável, o mundo se fecha. Somos agora um aglomerado de ostras, dentro de suas próprias conchas à espera sedutora da Morsa e do Carpinteiro. Estou longe de casa, longe de tudo que me fez ser o que sou. Longe de casa, preso, em plena sala de estar, procuro por mim mesmo no reflexo do espelho. Já não me encontro no olhar que

---

<sup>90</sup> Hétero aliado. Pesquisador, Professor e Escritor. Doutorando em Sociologia pela Universidade de Évora, Portugal. Mestre em Direitos Humanos, Cidadania e Violência na área básica: Ciência Política. Possui graduação em Direito (2013) e em Ciência Política (2017).

<sup>91</sup> Caroll, L. Aventuras de Alice no país das maravilhas e Através do espelho e o que Alice encontrou por lá. Tradução Maria Luiza X. de A. Borges. Rio de Janeiro - RJ, Brasil: Zahar, 2010.

me encara, inquisidor e agressivo. Já não sei se sou a Ostra ou a Morsa, ou, quem sabe, estando a parafrasear Plautus<sup>92</sup> – e por consequência Hobbes<sup>93</sup> –, a Morsa de minha própria ostra.

A segurança do lar me traz um desespero aterrador. O silêncio agride meu ser, sufocado pelos gritos da criança hiperativa que ainda existe dentro de mim. Fronteiras fechadas: me vejo um estrangeiro, preso em outro país. Longe da família, o medo de nunca mais vê-los, por vezes, percorre meu âmago. Tento manter o foco, atitude inútil. Escrever já não é mais tão prazeroso como antes, e nem tão fácil. Sentimentos diversos percorrem meu ser e minha própria trajetória começa a ser questionada. Sou agora, mais que nunca, um complexo metafórico de sentimentos incompreendidos. Meu próprio reflexo me critica. Aprisionado em um caleidoscópio de loucura sou, agora e mais que nunca, a deformidade de meu próprio ser. Análogo a ânsia, e em meio a um check-up geral, releio *Alice no País da Maravilhas*, de Lewis Carroll, em uma tentativa apática de fugir de minha peculiar realidade. Mas o verme, não o de Assis tão pouco de Anjos, que se alimenta da razão, corrompe meu espírito.

Lutando em prol de minha lucidez, se um dia está povoou minha existência, evito de forma despretensiosa examinar as notícias de jornais. Já evito o contato com as redes sociais. Cansado de sempre o mesmo, evito ver o que se passa na tela do *Smartphone*. Aprisiono-me em meu lar interior e, assim como um anacoreta, exilo-me em minha floresta imaginária.

A política me deixa enjoado. Uma briga de torcidas organizadas que batalham não pelo melhor de uma nação, esteio para a soberania, mas por sua ideologia como verdade. Uma guerra de hipocrisias em que tudo vale, menos a veracidade dos fatos. Números são alterados, verdades são mascaradas e mentiras defendidas até a morte. Todos defendem a imposição de algum regime, seja ele qual for, destro ou canhoto. É o autoritarismo nosso de cada dia, a opressão, necessária para o salvamento. Toda ditadura é bela e justificada, caso defenda o lado que você está.

Quando o assunto, por algum milagre, se distancia dos contextos políticos, um enxame de mortos invade a tela. Os números são alarmantes e as estatísticas nada encorajadoras. O medo doma corpo e alma. Tritura os sonhos e destrói, de forma impiedosa, os projetos próximos, enquanto, de forma lenta e verrumante, aniquila os planos distantes. Parece-me que, em algum lugar do universo, uma criatura suprema se encontra com uma lupa na mão aproveitando a luz do sol e nós, meras formigas do cosmo, seguimos atordoadas pela trilha.

Ligo a TV e um jornalista, já não sei se o mesmo de ontem, afirma, de forma contundente, que as coisas irão retornar ao normal em Portugal,

---

<sup>92</sup> Fuks, R. "O homem é o lobo do homem": análise e história da frase. [s.d.]. Disponível em: <<https://www.culturagenial.com/o-homem-e-lobo-do-homem/>>. Acesso em: 28 maio. 2020.

<sup>93</sup> Hobbes, T. *Leviatã ou matéria, forma e poder de um Estado eclesiástico e civil*. São Paulo, Brasil: Martin Claret, 2009.

progressivamente. Anseio pelo momento de retornar à universidade. Sinto saudades das paredes frias e seculares da Universidade de Évora. Não posso afirmar que sinto falta das pessoas, sempre fui reservado nesta questão e, além disso, o convívio científico me restringe a pouco mais de quatro ou cinco indivíduos. Mas são os mais seletos, e brilhantes, quatro ou cinco indivíduos que poderia ter a sorte de conviver. São mestres, no sentido latino da palavra, que carregam nos ombros o peso do gigante de quase 500 anos. São ermitões, presos em seus claustros simbólicos, ou gabinetes, cumprindo o saboroso e penoso dever da ciência, vocação injusta que não sabe retribuir os louros, tão pouco as Lauras e Lauros, como dizia Belchior<sup>94</sup>, aos seus discípulos.

Como sinto saudades, com todo o respeito àqueles que comigo habitam, da solidão do claustro, mesmo quando acompanhado. Talvez a solidão não esteja no claustro, mas este desperte uma solidão boa em mim. A frieza do gabinete, com suas paredes em pedra pura, o silêncio dos séculos que ali moldaram o conhecimento. O contraste poético da brutalidade da pedra talhada para a construção e a delicadeza dos livros. A solidão do amante, na busca completa por sua paixão: o conhecimento. Apodero-me das palavras de Humberto Gessinger: “Se você sofresse tanto quanto eu sofro com a solidão e precisasse tanto quanto eu preciso da solidão”<sup>95</sup>. Hoje, vejo claramente que a solidão não é um sentimento de espectro único.

Troquei, em poucas palavras, os fantasmas da universidade pelos fantasmas que em mim residem. Como prefiro os espectros que lá habitam!! Os fantasmas da universidade não me agridem. Antes, me compreendem, me envolvem em uma áurea erudita de sabedoria e contemplação. Os meus fantasmas apenas revivem os erros do passado, cobrando promessas que nunca realizei. Me pedem para repetir frases que nunca vociferei. Talvez não em público, ou pelo menos em um tom audível.

A pandemia, como toda crise, remodelou meu pensamento. Reconstruir o sistema é necessário. Todos os modelos estão fadados ao fracasso. Todos os modelos de mundo e de mim mesmo. É necessário, antes de tudo, reconstruir o meu “eu” interior. Já não sou o que fui um dia. Renovar minha identidade, já alterada pelos diversos lugares e pessoas pelos quais passei, é preciso. Identidade em eterna (re)construção, em eterna (r)evolução. Agora, muito mais que antes, sou além de um forasteiro, um estrangeiro de mim mesmo.

O retorno progressivo à atividade aparece como uma salvação. A libertação do ser, da alma que suplica em angústia. Questiono-me se, em meio a tudo isto que aconteceu internamente, em milhões de pessoas mundo afora, voltaremos a ser como antes. Se voltarei um dia a fazer uma amizade por acaso em um bar. Se voltarei um dia a ser o que um dia fui ou se essa sensação é apenas minha. Se

---

<sup>94</sup> Graco, T.; Belchior, A. C. *Jornal Blues* (Canção Lede de Escárnio e Maldizer). In: Belchior. LP: *Melodrama*. Rio de Janeiro: Universal Music International Ltda., 1987.

<sup>95</sup> Gessinger, H. *Vozes*. In: *Engenheiros do Hawaii. A Revolta dos Dândis*. São Paulo: BMG, 1987.

voltarei um dia abraçar um amigo que, por acaso, encontrei ao caminhar pela rua.

Sobre o primeiro questionamento, acredito que a resposta seja não. E como desejo que sim, seja não. O mundo precisa mudar. “Mundo moderno, melhore. Melhore mais, melhore muito, melhore mesmo. Merecemos”<sup>96</sup>. Ou talvez nem tanto. Talvez o mundo tenha evoluído e nós — dentro de nossos próprios egos, nos achando superiormente racionais — continuamos na verdade a ser o homem macaco, nu e embriagado. Sobre o restante, só o tempo nos dirá.

Lentamente retornaremos à dita normalidade, sem saber até que ponto podemos chamar isto de normalidade. O distanciamento social, expressão nova e já por todos incorporada, é mantido, e percebido, nos olhares. E os olhares são apenas o que vejo por detrás das máscaras. Olhares curiosos e com medo. Prevejo o futuro, e brinco com o que é possível, dizendo que agora a indústria da moda irá se refazer. Focar na produção de máscaras e produtos para a região dos olhos. Outros dizem que é temporário. Eu, em meio ao meu negativismo exacerbado, apocalíptico e solitário, não acredito nisto, prevendo um mundo em que respiro meu próprio gás carbônico.

Retorno à universidade. As paredes frias ainda me esperavam, os fantasmas, ainda lá, habitavam. As pessoas olham, curiosas, em tentativas inúteis de descobrir quem se esconde por detrás da máscara. Em relação a mim, o cabelo punk e a farta barba denunciam-me. Aparentemente, mesmo com algumas mudanças, externamente ainda sou o mesmo. Ainda sou, fisicamente, reconhecível. Felizmente — ou indeciframavelmente —, internamente, não.

## Referências

- Caroll, L. (2010) *Aventuras de Alice no país das maravilhas e Através do espelho e o que Alice encontrou por lá*. Tradução Maria Luiza X. de A. Borges. Rio de Janeiro - RJ, Brasil: Zahar.
- Fuks, R. (2020) “O homem é o lobo do homem”: análise e história da frase. [s.d.]. Disponível em: <<https://www.culturagenial.com/o-homem-e-lobo-do-homem/>>. Acesso em: 28 maio, 2020.
- Hobbes, T. (2009) *Leviatã ou matéria, forma e poder de um Estado eclesiástico e civil*. São Paulo, Brasil: Martin Claret.
- Graco, T.; Belchior, A. C. (1987) *Jornal Blues (Canção Lede de Escárnio e Maldizer)*. In: Belchior. LP: *Melodrama*. Rio de Janeiro: Universal Music International Ltda.
- Gessinger, H. (1987) *Vozes*. In: *Engenheiros do Hawaii. A Revolta dos Dândis*. São Paulo: BMG.

---

<sup>96</sup> Anysio, C. Mundo Moderno (Chico Anysio). 2007. Disponível em: <<https://letrasnacionais.wordpress.com/2007/12/06/mundo-moderno-chico-anysio/>>. Acesso em: 23 set. 2019.

Anysio, C. (2007) Mundo Moderno (Chico Anysio). Disponível em: <<https://letrasnacionais.wordpress.com/2007/12/06/mundo-moderno-chico-anysio/>>. Acesso em: 23 set. 2019.